

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA – UFU
INSTITUTO DE HISTÓRIA - INHIS

ANA CLAUDIA GOMES

**TRABALHADORES E ENSINO DE HISTÓRIA: NARRATIVAS E EXPERIÊNCIAS
SOCIAIS DE DISCENTES DO ENSINO DE JOVENS E ADULTOS. (UBERLÂNDIA:
2016-2017)**

UBERLÂNDIA

2017

ANA CLAUDIA GOMES

TRABALHADORES E ENSINO DE HISTÓRIA: NARRATIVAS E EXPERIÊNCIAS
SOCIAIS DE DISCENTES DO ENSINO DE JOVENS E ADULTOS. (UBERLÂNDIA:
2016-2017)

Monografia apresentada ao Curso de
Graduação em História, da Universidade
Federal de Uberlândia, como exigência
parcial para a obtenção do título de
Bacharelado e Licenciatura em História.

Orientador: Prof. Dr. Sérgio Paulo Moraes.

UBERLÂNDIA

2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistemas de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil

GOMES, Ana Claudia, 2017-

Trabalhadores e Ensino de História: narrativas e experiências sociais de discentes do Ensino de Jovens e Adultos (Uberlândia: 2016-2017). / Ana Claudia Gomes. – 2017. 31 f.

Inclui bibliografia.

Orientador: Prof. Dr. Sérgio Paulo Moraes.

Monografia (Bacharelado e Licenciatura) – Universidade Federal de Uberlândia, Curso de Graduação em História.

Palavras-chave: Trabalhadores. Experiência. Ensino de História. Conscientização

TRABALHADORES E ENSINO DE HISTÓRIA: NARRATIVAS E EXPERIÊNCIAS
SOCIAIS DE DISCENTES DO ENSINO DE JOVENS E ADULTOS. (UBERLÂNDIA:
2016-2017)

Monografia aprovada para a obtenção do
título de Bacharelado e Licenciatura em
História no Curso de Graduação em
História da Universidade Federal de
Uberlândia (MG) pela banca examinadora
formada por:

Uberlândia, 3 de agosto de 2017.

Prof. Dr. Sérgio Paulo Moraes (Orientador), UFU/MG

Prof^a. Ma. Pâmela Aparecida Vieira Simão, UFU/MG

Prof. Me. Douglas Gonsalves Fávero, UFU/MG

AGRADECIMENTOS

Quero expressar minha gratidão a todos que estiveram comigo durante esta linda e intensa caminhada, cercada de dificuldades e grandes aprendizados. Cada um a sua maneira, contribuindo e me dando forças para eu conseguir concretizar este sonho de fazer o curso de História.

A toda minha família, especialmente minha mãe e avó, que sempre me encorajaram e me apoiaram nesta trajetória. É muito amor envolvido! Aos meus amigos e queridos companheiros que nos momentos alegres ou difíceis, permaneceram de mãos dadas a mim. Ao meu professor-orientador Sérgio Paulo pelo imenso carinho, compreensão e aprendizado que tem me proporcionado ao longo dessa caminhada. A Pâmela e Douglas por aceitarem estar na minha banca e pela dedicação à leitura do meu trabalho. Aos professores, alunos e todos os trabalhadores em educação que me acolherem durante a realização dos estágios e nesta pesquisa.

A trajetória não foi fácil, caí e fiquei no chão em alguns momentos, mas voltei com mais força e mais consciente de mim e do mundo. A trajetória foi linda, cheguei ao curso de História sem saber muito o que era esta área do conhecimento, mas bastante aberta e curiosa para conhecer. Hoje vejo que ainda tenho muito a caminhar e continuo com muita sede para ampliar, cada vez mais, meus conhecimentos. A História é um conhecimento para a vida.

“Não aceito que a educação seja um treinamento para um emprego, para se formar cidadãos úteis (ou seja, que se adaptem a este sistema). A educação é a confirmação dos significados comuns de uma sociedade e das habilidades necessárias para corrigi-los (...). Acho que mais do que isso, é preciso repensar os conteúdos (...). Temos que enfatizar não a escada, mas o caminho comum, pois a ignorância de qualquer ser humano me diminui, e a habilitação de todo ser humano é um ganho comum de horizontes”.

(Raymond Williams)

RESUMO

Este trabalho objetiva analisar se a escola tem contribuído para que os alunos compreendam a sua própria condição enquanto trabalhadores dentro de um sistema capitalista, além de tentar investigar se suas experiências e o presente são levados em conta neste processo. Nesse sentido, a escola é um campo muito importante na construção do saber histórico, que pode possibilitar essa tomada de consciência. Procuro compreender se o ensino de história tem possibilitado a ampliação da conscientização e da luta diante da realidade que tem sido marcada pela perda de direitos trabalhistas. Trazer isso à tona é defender um projeto de ensino que traga o presente e a experiência do aluno como pontos de partida para a construção de uma consciência histórica. Foram realizadas sete entrevistas com alunos do 3º ano do Ensino Médio da Educação de Jovens e Adultos, todos trabalhadores. O tema trabalho atravessa a vida das pessoas e organiza a sociedade, tornando-se fundamental que os sujeitos se compreendam dentro desse jogo em que o trabalho está submetido ao capital e suas explorações. A partir das entrevistas é possível observar que a escola tem um papel muito importante na formação crítica e humana dos alunos, porém precisa se repensar para proporcionar a esses uma maior conscientização do mundo em que se vive.

Palavras-chave: Trabalhadores. Experiência. Ensino de História. Conscientização.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
1 O ENSINO DE HISTÓRIA E O PRESENTE.....	12
1.1 HISTÓRIA SOCIAL DO TRABALHO.....	15
2 O ENSINO DE HISTÓRIA E O TRABALHO A PARTIR DE NARRATIVAS DE ALUNOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS.....	18
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28
FONTES.....	30
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	31

INTRODUÇÃO

A escola é um campo de grande potência, pois é um dos muitos lugares onde há trocas de experiências, de vivências e do despertar da consciência crítica para o mundo a partir do conhecimento. Por mais que eu gostasse muito da escola, dos professores e amigos que tinha, eu não conseguia aprender muito bem os conteúdos das áreas de humanidades. Eu estudava e logo esquecia os conceitos. Certa vez o conteúdo era sobre “Globalização” e lembro-me que lia e relia o capítulo e não conseguia entender, não fazia sentido. Os exercícios que fazíamos em sala de aula e para casa eram os que estavam prontos no livro e era só seguir a ordem do capítulo que as respostas estavam em sequência. Fazíamos os exercícios em grupo e copiávamos do jeito que estava no livro didático.

Lembro-me que quando criança dizia para mim mesma: “Um dia construirei uma escola, mas uma escola diferente”, uma vez que muitos conteúdos não me faziam sentido. Enquanto criança não conseguia elaborar o porquê desse sentimento, apenas sentia. Hoje consigo compreender os motivos. Passados tantos anos retornei à escola como estagiária e estudante do curso de História e vejo que muitos alunos passam pela mesma coisa. O que acontece? A carga de informações é imensa e muitos conteúdos estudados não fazem sentido, não têm conexão com o presente e com nossa vida. Nesse sentido, eles logo são esquecidos. A escola que tive se enquadra no modelo que tanto questionamos.

A historiografia tradicional narrou a história de forma que essa fosse vista a partir do discurso oficial, da história vinda do centro, das elites. Percebe-se uma história acrítica, agarrada a fatos fragmentados, desarticulados, sem a perspectiva de processo, cheia de heróis e com fatos isolados que em nada contribuem para a problematização do presente.

Fora da história da elite não havia outras histórias. A história do povo se diluía na história do centro, de onde irradiava a verdade e o protagonismo diante dos acontecimentos. E foi essa historiografia tradicional que eu aprendi na escola. Foi a partir da graduação que tive a oportunidade de superar essa visão. A ampliação metodológica da historiografia, ao trazer mudanças, abriu espaço para que todos os sujeitos, personagens até então excluídos, contassem sobre si.

Entrar em contato com a história social durante a graduação me proporcionou um grande e bonito caminho de aprendizados. Nessa trajetória pude tomar consciência que o cotidiano é um campo de lutas e não apenas de conformação e que os sujeitos são protagonistas nesse processo. Além de compreender a importância do saber histórico e de como a pesquisa é o campo fundador do saber.

A partir desta pesquisa, que envolve tanto os aspectos teóricos quanto práticos, de realização das entrevistas com os alunos, pude ter contato com leituras que me deram suporte para compreender a importância de relacionar educação e experiência. Além de me proporcionar uma visão mais ampla sobre as várias dimensões, como econômica, política, cultural, social, etc.; que estão conectadas. A relação entre essa totalidade, que em muitos casos fica fragmentada e isolada, é fundamental na pesquisa em história social.

Foram realizadas sete entrevistas com alunos do período noturno do 3º ano do Ensino Médio da Educação de Jovens e Adultos. Meu objetivo com esta pesquisa é tentar compreender se o ensino tem proporcionado aos alunos a compreensão de sua própria condição enquanto trabalhadores. Será que o presente está sendo levado em conta? E as experiências dos alunos que são trabalhadores, eles compreendem sua condição de trabalhadores em um sistema capitalista? Ressaltando que o presente tem sido marcado pela retirada de direitos trabalhistas.

O ensino médio tem me trazido inquietações, no sentido de ser uma etapa em que o trabalho começa a ganhar contornos maiores. É fundamental estudar e analisar de forma crítica como o tema Trabalho ganha vida no ensino de História, tendo em vista que é uma dimensão que estrutura a sociedade e atravessa a vida das pessoas. Será que os alunos do Ensino Médio estão alheios a sua própria realidade, mais especificamente, nas relações de trabalho, que envolve poder e exploração?

Nesse sentido, a organização do trabalho em sala de aula é um aspecto fundamental no ensino de história, por mais que hoje exista uma série de condições que dificultam a prática do professor e isso considero precarização do trabalho. Compreendo que as perspectivas trazidas para a sala de aula acabam fundando certos olhares sobre a realidade e os sujeitos histórico-sociais. Esses são graves problemas na educação, tanto a forma como os conteúdos ganham vida na sala de aula, como as condições estruturais de exercício profissional dos trabalhadores em educação. Ressalto que não abordarei nesta pesquisa as condições de precarização do trabalho dos educadores. Acredito que mudanças a longo prazo precisam vir acompanhadas por políticas públicas e projetos do governo.

É muito grave o que está acontecendo no atual contexto de retirada de direitos trabalhistas historicamente conquistados. Isso traz muitas reflexões sobre o que é necessário ser repensado na educação e quais projetos precisam ser defendidos para enfrentar essas questões. Em minha concepção de História, esta deve, como coloca Déa Fenelon:

[...] assumir a responsabilidade social e política com o momento vivido. Para isso seria necessário antes de mais nada romper com uma maneira tradicional de

conceber conhecimento, sua produção e sua transmissão. Isto significa, para mim, em primeiro lugar, o posicionamento no presente, para sermos coerentes com a postura de “sujeitos da História”¹.

Destaco que a defesa por um ensino que tenha como ponto de partida o presente é essencial para se enfrentar os desafios colocados e para que o aluno possa, a partir de sua experiência, dar sentido a tudo isso e assumir seu protagonismo como agente transformador da realidade. Este é um projeto para o ensino de história e que servirá de base para a análise deste trabalho.

No capítulo 1 faço uma análise da importância de partir do presente no ensino de história e abordo também um pouco da história social do trabalho no campo da pesquisa. No capítulo 2 trago trechos das entrevistas feitas com os alunos para serem analisadas à luz dessas teorias.

¹ FENELON, Déa R. A Formação do Profissional de História e a Realidade do Ensino. **Tempos Históricos**: Revista do Programa de Mestrado em História da UNIOESTE, Cascavel, v. 12, ano 10, n. 1, p. 23-24, 1º semestre 2008.

CAPÍTULO 1

1 O ENSINO DE HISTÓRIA E O PRESENTE

Historicamente a escola carrega um ensino cuja herança é caracterizada por conteúdos informativos e pré-formatados, de tal modo que além de não nos atingirem, não se fazem presentes entre nós. Percebe-se uma história despolitizada, agarrada a fatos fragmentados e desarticulados, sem a perspectiva de processo e sem conexão com o presente e com as experiências dos alunos.

A história ensinada na sala de aula carrega uma concepção de linearidade que não dá conta da complexidade dos processos históricos. Na perspectiva da organização curricular há uma tendência que apresenta uma história conteudista, com uma concepção de tempo como algo que começa e termina e que não apresenta conexão entre os processos.

Os conteúdos trabalhados na escola continuam ordenados a partir de lógicas distantes das realidades dos alunos. O direito ao saber e compreender sua própria condição (jovens ou adultos, trabalhadores) e a problematização da conjuntura que se vive ainda se encontra distante dos currículos escolares. Essa escola que temos faz sentido na forma como está organizada? A ocupação das escolas por parte dos alunos do ensino básico, que se deu ano passado e se esparramou pelo Brasil inteiro, revela tanto a defesa do ensino público e de qualidade, quanto uma insatisfação com a escola que existe.

Analisando o presente² e seus desafios colocados, vemos que a escola precisa realizar mudanças. O presente tem nos exigido a repensar as estruturas, os caminhos e mais especificamente, o ensino de História. Ensino esse que se encontra comprometido. Uma das ações que caracterizam governos autoritários é fazer mudanças no ensino, no sentido de retirar o pensamento crítico do debate que é oferecido pela área das humanidades. Isso não é novo.

Segundo Maria Peixoto³ na época da ditadura civil-militar (1964-1985) o governo retirou do currículo as disciplinas de História e Geografia e as substituiu por Estudos Sociais. O professor era formado pra ser um generalista, não podendo aprofundar ou realizar debates críticos sobre os conteúdos estudados ou sobre o presente. O que não significa que eles não faziam. Houveram muitas mobilizações que reivindicavam a volta das disciplinas.

² Refiro-me ao projeto do atual governo de retirada dos direitos dos trabalhadores, da escola sem partido e da ameaça de excluir as humanidades e as artes dos currículos escolares.

³ PEIXOTO, Maria R. C. Ensino como pesquisa: um novo olhar sobre a história no ensino fundamental como e por que aprender/ensinar história. **História e Perspectivas**. Uberlândia, v. 53, n. 28, p. 40-41, jan/jun. 2015.

Nesse sentido, destaco a proposta de reforma curricular de 1986 que veio acompanhada da intensa luta pela redemocratização do país. Essa proposta não foi uma decisão de gabinete, e sim elaborada com a ampla participação de movimentos sociais e professores da rede estadual. Ela coloca a pesquisa como eixo organizador do trabalho no ensino de História:

A proposta de 1986 sugeria um percurso metodológico que articulasse presente e passado, reflexão teórica e análise de fontes. Sua metodologia pode ser apreendida do roteiro de investigação proposto, o qual já indicava o objetivo de possibilitar ao aluno perceber-se como parte de um lugar, de um tempo, de um grupo social, de uma rede de relações. Mais ainda: perceber-se como sujeito social e sujeito de seu aprendizado. Tendo por base o presente, ele deveria interrogar o passado, que poderia ser investigado por meio de fontes diversas⁴.

Assim, não haveria mais a separação entre ensino e pesquisa, professores e alunos seriam produtores de conhecimento, rompendo com a prática de que isso só poderia ser realizado pela pós-graduação.

Outro aspecto fundamental é que o ponto de partida seria a vida cotidiana do aluno e suas experiências, o que possibilitaria um entendimento de sua própria condição. O direito de compreender a si no mundo coloca o presente como o tempo privilegiado, no sentido de que é neste que precisamos nos implicar. Porém para compreendê-lo, o passado precisa ser suscitado. Aqui rompe-se com o estudo do passado pelo passado, desarticulado e sem conexão com o presente. Para Paulo Freire:

Se a vocação ontológica do homem é a de ser sujeito e não objeto, só poderá desenvolvê-la na medida em que, refletindo sobre suas condições espaçotemporais, introduz-se nelas, de maneira crítica. Quanto mais for levado a refletir sobre sua situacionalidade, sobre seu enraizamento espaçotemporal, mais “emergirá” dela conscientemente “carregado” de compromisso com sua realidade, da qual, porque é sujeito, não deve ser simples espectador, mas deve intervir cada vez mais⁵.

Nesse sentido, para que o aluno se torne sujeito do conhecimento, compreenda a si e seu contexto, para transformá-lo, deve-se ter como horizonte que:

O primeiro direito ao conhecimento de todo ser humano é a se conhecer, a se saber no mundo, na história, nas relações sociais, econômicas, políticas e culturais. O direito a se entender nas relações de classe, nos padrões de poder, de trabalho, de apropriação-expropriação da terra, do solo, da renda pública. Entender-se nessas relações políticas e nesses padrões como sem-

⁴ PEIXOTO, Maria R. C. Ensino como pesquisa: um novo olhar sobre a história no ensino fundamental como e por que aprender/ensinar história. **História e Perspectivas**. Uberlândia, v. 53, n. 28, p. 63, jan/jun. 2015.

⁵ FREIRE, Paulo. Alfabetização de alunos e conscientização. In: _____. **Educação e Mudança**. 34. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011. p. 83-84.

trabalho, sem-escola, sem-universidade, sem-renda, sem-moradia, sem-terra⁶.

É fundamental que os alunos compreendam que são sujeitos participativos e transformadores da realidade. Conforme coloca Raymond Williams:

[...] que todos reconheçamos que a educação é para todos: que se trata, antes de mais nada, do processo de dotar todos os membros da sociedade com a totalidade de seus significados comuns e com as habilidades que lhes possibilitarão retificar esses significados, à luz de suas próprias experiências pessoais e comuns⁷.

Assim, é necessário colocar os conhecimentos que estão estruturados nos currículos em diálogo com os conhecimentos sociais que são coletivos. Dar acesso e/ou disponibilizar o que é produzido socialmente é um direito de todos, sendo necessário ampliar e democratizar, mais e mais, para que todos possam entrar em contato, tomar consciência, (res)significar e questionar.

Outro aspecto que caracteriza a proposta de 1986 é a elaboração de eixos temáticos, grandes temas geradores que vão fazer uma articulação com o todo, pois compreende-se que há uma conexão, um grande fio condutor que liga as diversas dimensões que nos compõem, como a econômica, política, cultural e social.

Um dos temas propostos foi o *trabalho*. Compreendo que o trabalho é uma das dimensões que estrutura e organiza a sociedade, independente da época. É fundamental compreender como o trabalho funciona em uma sociedade capitalista e como foi se construindo para chegar ao que é, pois é algo que afeta diretamente a vida de todos nós, trabalhadores. Isso envolve a compreensão da relação entre dominação, exploração, luta, resistência, mudança, etc.

Todos esses aspectos citados caracterizam a proposta curricular de 1986. Em 1992 uma nova proposta surge. Nesta o aluno é considerado sujeito de seu processo de aprendizagem, mas seu protagonismo enquanto sujeito da produção do conhecimento não é a base estruturante do ensino e os temas e conteúdos estudados passam a ser tratados de forma independente, desarticulados e fragmentados. Essa proposta esvazia o sentido política da proposta de 1986. Como aponta Peixoto:

Não se trata, portanto, de uma disputa de ideias apenas, mas do confronto entre sujeitos portadores de projetos diferenciados e conflituosos de intervenção na realidade. Nas últimas décadas, no decorrer das disputas entre os sujeitos sociais, muitas palavras/conceitos perderam sua substância, sua potencialidade transformadora e conservam apenas suas formas (o som e a grafia) e, assim, transformadas em palavras vazias, tornaram-se armadilhas. Nesse caso, cabe perguntar: em que momento o conceito de pesquisa perdeu

⁶ WELLER, Wivian. Jovens no Ensino Médio: Projetos de vida e perspectivas de futuro. In: DAYRELL Juarez; CARRANO, Paulo; MAIA, Carla L. **Juventude e Ensino Médio**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. p. 161.

⁷ WILLIAMS, Raymond. **A cultura é de todos**. 1958. p. 09.

sua substância e se tornou a-histórico, uma simples palavra? Desse modo, nós, professores/educadores, temos um desafio pela frente: recuperar o conceito de pesquisa como experiência histórica, isto é, como elemento da atividade humana, como constitutivo do social⁸.

Talvez, esse conceito de pesquisa foi perdendo seu significado em um contexto onde certo tipo de projeto foi se consolidando. Na década de 1990 temos, cada vez mais, a implementação de políticas neoliberais, tanto na educação, quanto na sociedade como um todo.

1.1 HISTÓRIA SOCIAL DO TRABALHO

Há uma tendência nos trabalhos acadêmicos em abordar os diversos temas de forma pontual e desconectada do seu contexto maior. Esse todo dá sentido a esses objetos que escolhemos analisar, portanto essa articulação precisa ser feita. O princípio norteador da História Social é a perspectiva totalizante, assim as partes e o todo estão diretamente relacionados. De acordo com Sílvia Petersen:

O problema está em reduzir a História Social do Trabalho a este tipo de abordagem, que não consegue perceber a relação do caso isolado com o processo mais geral, ou seja, articular a parte com o todo. [...] Apesar das dificuldades de articular a parte com o todo também é cada vez mais frequente o resgate da *importância explicativa do contexto*, sem o que o caso individual não pode fazer-se historicamente significativo⁹.

Em nossas pesquisas fazemos cortes temporais e temáticos, pois não é possível apreender tudo, o conhecimento produzido é gigantesco e está em constante construção e reconstrução. Porém, a grande questão é não isolar a temática da totalidade, tendo consciência das muitas dimensões que compõem essa parte. Para que a História Social do Trabalho seja legítima, é fundamental haver uma perspectiva analítica do todo. Sobre a importância de se estudar o trabalho, Petersen aponta:

O trabalho não é apenas mais um tema “disponível” para a pesquisa histórica, mas tem uma profunda dimensão social, ontológica e ética que não pode ser desconhecida e, ao contrário, precisa ser reafirmada diante da evidência da submissão do trabalho ao capital e da presença das teses atuais que propugnam a perda dessa centralidade. Nesse debate se situam as análises sobre as transformações ocorridas no trabalho e suas implicações

⁸ PEIXOTO, Maria R. C. Ensino como pesquisa: um novo olhar sobre a história no ensino fundamental como e por que aprender/ensinar história. **História e Perspectivas**. Uberlândia, v. 53, n. 28, p. 39, jan/jun. 2015.

⁹ PETERSEN, Sílvia. Repensar a história do trabalho. **Espaço Plural**. Unioeste, Cascavel, v. 17, n. 34, p. 20, 1º semestre 2016. Disponível em: <file:///D:/Usuario/Downloads/14945-54584-1-PB%20(2).pdf>. Acesso em: 18 ago. 2016.

sociais, o que nos leva a refletir sobre aspectos e processos, tais como precarização, individualização das relações de trabalho, insegurança e vulnerabilidade¹⁰.

Essa citação tem uma importância crucial. Viver em um mundo capitalista é ter o trabalho submetido a mais perversa exploração por parte de certos grupos. No momento atual vemos o avanço na retirada de direitos, com a reforma trabalhista e previdenciária, caracterizando a total precarização do trabalho. O presente vem de encontro a esta perspectiva sobre o trabalho, que estava perdendo espaço nas pesquisas e discussões.

Como coloca Edward Thompson “na boa aula de adultos, a crítica da vida é aplicada sobre o trabalho ou assunto que está sendo estudado”¹¹. O trabalho é uma dimensão bastante presente na vida dos jovens e adultos que frequentam a Educação de Jovens e Adultos. A nossa realidade ainda é marcada por muitas desigualdades, nesse sentido, muitos precisam trabalhar desde cedo para sobreviver, ajudar nas despesas familiares, manter suas necessidades, enfim, os sentidos são diversos.

Sabemos que o trabalho ganha formas específicas em um modo de produção capitalista. Exige-se maior escolarização e qualificação para o trabalho, mas que tipo de formação? A escolaridade acaba se tornando um mecanismo de seleção nesse sistema competitivo e excludente. Os trabalhadores correm para se qualificar e se sentem frustrados e culpados quando não conseguem e o ensino pode se tornar uma preparação para o mercado. O discurso da meritocracia acaba camuflando as desigualdades sociais e a estrutura que sustenta esse sistema.

Nesse sentido, o ensino médio nunca deve ser direcionado para uma adaptação a realidade ou a preparação para o mercado de trabalho. Pelo contrário, é preciso criar condições para que o aluno se compreenda dentro desse contexto capitalista e de exploração do trabalho e que tome consciência de sua própria condição. De acordo com Petersen:

Pensem aqui no ensino fundamental e médio e naquela que provavelmente é a temática mais representativa da História Social – “a história vista de baixo”-, que foi sendo simplificada pelos “usuários” para uma “história das pessoas comuns e de sua vida cotidiana”. Como o trabalho é também associado à vida cotidiana das pessoas comuns, temos aí um terreno fértil para a presença de uma História Social do Trabalho nos conteúdos do ensino fundamental e médio. Por outro lado, este tema estabelece uma familiaridade muito fácil do aluno com suas experiências. Ele é uma espécie de espaço

¹⁰ PETERSEN, Sílvia. Repensar a história do trabalho. **Espaço Plural**. Unioeste, Cascavel, v. 17, n. 34, p. 24, 1º semestre 2016. Disponível em: <file:///D:/Usuario/Downloads/14945-54584-1-PB%20(2).pdf>. Acesso em: 18 de ago. 2016.

¹¹ THOMPSON, Edward. Educação e experiência. In: _____. **Os românticos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. p. 43.

onde se dá o nosso reconhecimento como sujeitos sociais numa história em que aparentemente figuramos como espectadores. A introdução de uma “história das pessoas comuns e de sua vida cotidiana” no ensino da História é uma forma do professor demonstrar a desejada relação com as experiências dos alunos¹².

Trazer a vida cotidiana das pessoas é ter acesso às experiências de trabalho, de classe e de exploração, que são partes que constituem esse todo no processo histórico. Nesse sentido, a história social do trabalho tem muita a contribuir com o ensino de história. As experiências precisam ser trazidas e aproveitadas para que o ensino tenha mais sentido para aqueles que estão nesse processo de aprendizado. Todos somos atores na escrita da história.

É preciso ter como sistematização do trabalho em sala de aula, tendo como base a relação entre ensino, experiência e sua articulação com o todo, com a estrutura. Para que não aconteça “uma certa trivialização por exclusão do político, econômico, enfim, das referências a partir das quais estas atividades devem ser investigadas, não percebendo que o cotidiano não é apenas o lugar do conformismo do dia-a-dia, mas é um campo de lutas”¹³.

¹² PETERSEN, Sílvia. Repensar a história do trabalho. **Espaço Plural**. Unioeste, Cascavel, v. 17, n. 34, p. 33, 1º semestre 2016. Disponível em: <file:///D:/Usuario/Downloads/14945-54584-1-PB%20(2).pdf>. Acesso em: 18 ago. 2016.

¹³ Ibidem, p. 34.

CAPÍTULO 2

2 O ENSINO DE HISTÓRIA E O TRABALHO A PARTIR DE NARRATIVAS DE ALUNOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

O ensino de história tem contribuído para que os alunos compreendam a sua condição enquanto trabalhadores dentro de um sistema capitalista? As experiências dos alunos e o tempo presente são levados em conta? Essas são questões que persigo e tento compreender a partir das entrevistas que realizei. Foram feitas sete entrevistas com alunos que, na época, junho de 2016, estavam cursando o terceiro ano da Educação de Jovens Adultos, no período noturno, na Escola Estadual Antônio Luis Bastos. Todos os alunos entrevistados são trabalhadores. A escolha de convidar alunos que trabalham para as entrevistas se deu justamente para verificar se existem relações feitas entre o ensino e suas experiências enquanto trabalhadores.

Acredito que a escola é um lugar fundamental, pois é o espaço da sistematização e produção do conhecimento. Quais outros lugares oferece isso aos alunos? Não estou dizendo que não há outros espaços onde aprendemos e nos educamos. Digo do caráter singular que este espaço ganha diante da complexidade do social. São muitas as tramas sociais que precisam ser compreendidas e problematizadas, e a escola, mesmo com todos os problemas, é um importante espaço de produção do conhecimento. Conhecimento este cada vez mais necessário para ajudar a compreender e transformar a sociedade. De acordo com Moacir Gadotti:

Paulo Freire combate a concepção ingênua da pedagogia que se crê motor ou alavanca da transformação social e política. Combate igualmente a concepção oposita, o pessimismo sociológico que consiste em dizer que a educação reproduz mecanicamente a sociedade. Nesse terreno que ele analisa as possibilidades e as limitações da educação, nasce um pensamento pedagógico que leva o educador e todo profissional a se engajar social e politicamente, a perceber as possibilidades da ação social e cultural na luta pela transformação das estruturas opressivas da sociedade classista. [...] a educação é essencialmente um ato de conhecimento e de conscientização e que, por si só, não leva uma sociedade a se libertar da opressão¹⁴.

Uma conscientização social não se limita ao campo escolar. A partir das entrevistas pude perceber que a escola é imprescindível para uma tomada de consciência, mas isso

¹⁴ GADOTTI, Moacir. PREFÁCIO: Educação e ordem classista. In: FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. 34. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011. p. 9-10.

também vem acompanhado de muitas outras experiências e aprendizados que os alunos carregam consigo. Nesse sentido, ressalto que é necessário compreender as possibilidades e limitações da educação.

A educação deve oferecer aos alunos o direito de compreenderem a si e a sociedade que vivem. Essa compreensão da realidade, que precisa unir reflexão e ação, e que acontece na relação com o outro, é um caminho para a transformação social. Foi pensando nesta perspectiva que trarei alguns trechos das entrevistas para serem analisados. O material das entrevistas é extenso, assim tive que fazer recortes e selecionar trechos que mais se aproximam da temática sobre o trabalho. Questionei o aluno¹⁵ de que forma a escola contribui para que ele compreenda o mundo do trabalho hoje:

Entrevistado 1: Assim, alguns professores como eu te disse, não são todos, passam uma ideia de que o estudo é necessário e a escola passa essa ideia de que só é possível você ser alguém se estudar. [...].

Entrevistadora: Quando o professor ensina alguma matéria, ele faz pontes com a sua experiência? Por exemplo, vou falar sobre Revolução Industrial, sobre os trabalhadores na Revolução Industrial, ele faz links com o presente? Consegue trazer você para a narrativa com a sua experiência enquanto trabalhador?

Entrevistado 1: [...]. Acho necessário o professor fazer essa ponte pra que você entenda o que é o mundo de hoje. Às vezes a gente fica muito focado em ganhar ponto, em passar de ano e as vezes esquece que a gente vive em uma sociedade capitalista, principalmente, que visa o capital, bens materiais. A gente tem que focar um pouquinho mais em voltar no nosso passado, ver o que o mundo passou, o que o nosso Brasil passou, pra poder entender o que a gente está vivendo hoje. [...]. Acho que falta o professor colocar mais sentimento nas aulas dele ou trazer o mundo de hoje, o tempo moderno para aquele outro tempo e fazer com que junte e crie interesse. Foi uma professora na oitava série que me fez fazer esse sentimento, porque ela trabalhava dessa forma. Ela trazia ali você pra dentro daquilo que você está vivendo, isso é importante. Não são todos os professores, mas alguns que fazem, fazem a diferença¹⁶.

O Entrevistado 1 toca em pontos fundamentais sobre o ensino de história e suas possibilidades. Ele diz, a partir de sua experiência no ensino fundamental, que a professora fazia a relação entre o presente e o passado, relacionando com o que ele estava vivendo e isso fez diferença para sua compreensão. Segundo ele, seu interesse foi despertado a partir de uma metodologia de trabalho que o colocava como ponto de referência para os conteúdos estudados. No dia dessa entrevista, este aluno estava comemorando sua aprovação no curso de História da Universidade Federal de Uberlândia.

¹⁵ Esse aluno tem 24 anos e trabalha como supervisor de loja.

¹⁶ Entrevista 1. (Jun. 2016). Entrevistadora: Ana Claudia Gomes. Uberlândia, 2016. 1 arquivo .mp3 (44:09 min).

Outro fator que chama a atenção é ele apontar aspectos tradicionais que ainda permeiam o ensino, como a preocupação com as notas, e ressaltar a importância de se atentar para outras questões, como o entendimento da sociedade capitalista, que o ajuda na compreensão do mundo em que vive.

Trabalhar com história oral é nos depararmos com uma memória que vai se modificando e ganhando sempre novos sentidos a partir das vivências e ressignificações que o presente proporciona. A partir de novos aprendizados essas memórias vão ganhando diferentes sentidos. Essa experiência com a professora foi ganhando mais sentido a partir de seus aprendizados ao longo do tempo.

Para que o professor ajude o aluno a se compreender no mundo, dois aspectos são importantes de serem levados em conta no ensino de história: primeiro, que professores e estudantes são sujeitos, produtores do conhecimento e não meros transmissores e receptores; segundo, é ter clareza do tipo de história que se defende, pois esta concepção organizará o trabalho em sala de aula.

Nesse sentido, alguns princípios norteadores para o ensino de História são estes defendidos pelo Entrevistado 1 e por Peixoto:

Adotar o ensino como pesquisa; partir da experiência e realidade do aluno, respeitando/incorporando seus saberes; começar no presente, ir ao passado e voltar ao presente; propor a organização das unidades por eixos temáticos, indo do tempo presente para o passado; levar o aluno a se assumir como sujeito do conhecimento e da vida; usar fontes documentais adequadas ao tema e à problemática¹⁷.

É preciso construir uma prática em sala de aula que se volte para a “própria realidade concreta que nos rodeia, numa prática mais sadia de ensinar a praticar a própria disciplina, olhando em volta, tentando mostrar uma História viva, que permita aos alunos sua própria identificação social”¹⁸. Pensando nesse sentido, formulei as questões trazidas abaixo em mais um trecho de outra entrevista¹⁹:

Entrevistadora: De que forma a escola contribui pra que você compreenda o que significa o trabalho no mundo capitalista?

Entrevistada 2: A escola ensinou, por exemplo, que nesse trabalho capitalista a gente sabe que você tem, que você pode gerar um capital, por exemplo, se eu to trabalhando pra mim, de todo jeito se eu to trabalhando pra mim eu vou gerar um capital pra mim, mas que eu também posso trabalhar para os outros e ter minha renda, vai gerar um capital pra pessoa, mas eu vou

¹⁷ PEIXOTO, Maria R. C. Ensino como pesquisa: um novo olhar sobre a história no ensino fundamental como e por que aprender/ensinar história. **História e Perspectivas**. Uberlândia, v. 53, n. 28, p. 52, jan/jun. 2015.

¹⁸ FENELON, Déa R. A Formação do Profissional de História e a Realidade do Ensino. **Tempos Históricos: Revista do Programa de Mestrado em História da UNIOESTE**, Cascavel, v. 12, ano 10, n. 1, p. 27, 1º semestre 2008.

¹⁹ Essa aluna tem 45 anos e trabalha como doméstica.

ter minha renda também, que eu vou ter meu salário em troca do meu trabalho.

Entrevistadora: A gente vê hoje uma série de perdas trabalhistas que foram conquistadas historicamente através de muitas lutas dos trabalhadores...

Entrevistada 2: Que ainda não acabou né, igual, empregada doméstica não tem os mesmos direitos que um empregado em uma firma, que eu acho que a gente ainda tem que lutar muito pra conseguir isso. Eles falam que já teve muitas conquistas, teve algumas, não todas, porque eu acho que deveria ser tudo igual. [...].

Entrevistadora: De que forma a escola ajuda a você saber sobre a sua própria condição enquanto trabalhadora, que está dentro de uma conjuntura, dentro de um contexto maior e qual o debate que a escola tem que te possibilita compreender isso que está acontecendo hoje?

Entrevistada 2: Ele fala sobre esses movimentos, pra gente poder olhar muito as notícias, pra gente pensar e prestar atenção no que a gente está vendo, porque tem muito o que é verdade e muito o que é mentira, muita manipulação que tem. Que a gente tem que procurar, pesquisar, se a gente for votar a gente tem que pesquisar primeiro a pessoa que a gente vai votar. Não é votar a troco de cem reais ou uma cesta básica, porque isso aí vai afetar depois todo mundo, não é só a gente. Que a gente tem que pensar muito tudo isso²⁰.

A Entrevistada 2 faz uma crítica às desigualdades existentes no mundo do trabalho e usa sua própria experiência como doméstica para exemplificá-las, relacionando-as a um contexto maior. Nesse sentido, a história social do trabalho nos ajuda a compreender que o sujeito não está isolado, e sim dentro de uma conjuntura maior. Percebi que ela compreende diferentes condições de trabalho, porém não demonstrou conseguir relacioná-las a um sistema que as estrutura: o sistema capitalista.

Ela também menciona que o professor contribui na construção de uma consciência moral e ética, quando fala que o voto não pode ser vendido e que isso tem consequências para todos.

Thompson nos chama a atenção para um aspecto fundamental, principalmente quando se trata da educação de adultos, que é a experiência. Esta é um aspecto que será de grande suporte para o trabalho do professor.

O que é diferente acerca do estudante adulto é a experiência que ele traz para a relação. A experiência modifica, às vezes de maneira sutil e às vezes mais radicalmente, todo o processo educacional; influencia os métodos de ensino, a seleção e o aperfeiçoamento dos mestres e o currículo, podendo até mesmo revelar pontos fracos ou omissões nas disciplinas acadêmicas tradicionais e levar à elaboração de novas áreas de estudo²¹.

²⁰ Entrevista 2. (Jun. 2016). Entrevistadora: Ana Claudia Gomes. Uberlândia, 2016. 1 arquivo .mp3 (19:22 min).

²¹ THOMPSON, Edward. Educação e experiência. In: _____. **Os românticos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. p. 13.

A experiência do aluno é um importante ponto de partida para que ele se compreenda na totalidade da vida. Isso é um instrumento fundamental no ensino de História. Traçando o mesmo percurso na formulação das questões, segui para a terceira entrevista²²:

Entrevistadora: Qual o sentido do trabalho dentro do mundo capitalista? Vocês discutem isso? As lutas dos trabalhadores?

Entrevistada 3: É, os movimentos sociais a gente viu isso em Sociologia também, a forma de protesto, cada um lutar por seus direitos. O que mais... O mundo capitalista que a gente vive, que sem o trabalho, sem uma remuneração não se vai a lugar nenhum, sem dinheiro hoje não faz nada.

Entrevistadora: E essa luta dos trabalhadores, qual que seria a importância dessas lutas até para a sua condição de trabalhadora hoje?

Entrevistada 3: Eu acredito que a gente devia se unir mais, porque tem muita coisa, igual lá onde eu trabalho, eu recebo menos que um salário mínimo, eu não acho isso justo, mas não adianta só eu querer fazer uma revolução, não adianta eu querer lutar por uma classe, no caso de Call Center sendo que só eu vou estar lutando. A gente deveria se unir e lutar pelos nossos direitos, mas é o sistema né, não adianta querer mudar, o que tem é eu estudar pra conseguir uma coisa melhor no futuro, mas hoje infelizmente, às vezes se unisse daria alguma coisa.

Entrevistadora: [...]. Vocês tiveram discussões que abordam as perdas dos direitos trabalhistas hoje?

Entrevistada 3: Não, não que eu me lembre²³.

Essa entrevistada revela dois aspectos contraditórios: por um lado tem uma consciência de classe, da injustiça em relação ao salário que recebe, da importância da união na luta e que isso poderia gerar mudanças ou “revolução”, como ela disse; por outro lado, ela fala de um conformismo e adaptação diante dessa situação que ela compreende e critica, dizendo que o melhor é continuar estudando para conseguir algo melhor. Na primeira pergunta ela responde que o capitalismo é um sistema sem o qual não é possível viver sem trabalho, trazendo uma perspectiva de adaptação.

Assim, é preciso que o ensino dê condições para que o aluno passe a “considerar o trabalho como um campo de lutas, daí a importância de resgatar as dimensões conflituosas do social que envolvem a subordinação e a insubordinação, tanto no trabalho como na vida”²⁴.

Como posso superar essa condição e compreender o que é o mundo? Tendo uma consciência histórica. É por meio desta que me comprometo com o presente e sua transformação, porém é na ação, no intervir, que o trabalhador vai superando a sua condição

²² Essa aluna tem 23 anos e trabalha como atendente de Call Center.

²³ Entrevista 3. (Jun. 2016). Entrevistadora: Ana Claudia Gomes. Uberlândia, 2016. 1 arquivo .mp3 (08:38 min).

²⁴ PEIXOTO, Maria R. C. Ensino como pesquisa: um novo olhar sobre a história no ensino fundamental como e por que aprender/ensinar história. **História e Perspectivas**. Uberlândia, v. 53, n. 28, p. 47, jan/jun. 2015.

de oprimido. É no conflito, na luta que as mudanças acontecem. Tendo isso em vista, trago o trecho de outra entrevista²⁵:

Entrevistadora: De que forma a escola tem contribuído para você compreender o mundo do trabalho?

Entrevistado 4: Pelo meu entender aí foi só questão de palestra com o pessoal, que eles vem aqui falar alguma coisa pra gente assim, tem que fazer isso, tem que fazer aquilo, vocês já tem que sair daqui com a cabeça assim. [...]

Entrevistadora: Que palestras são essas?

Entrevistado 4: Do SENAC, vem muito, vem muito. Eles falam de tudo. [...] . Quando você sair daqui já tem que sair pensando o que você quer.

Entrevistadora: Em que sentido eles falam do mundo do trabalho?

Entrevistado 4: Assim, pra gente se preparar para o mercado de trabalho. [...] Eles falam que tem muitos cursos, que é o que o mercado de trabalho está precisando.

Entrevistadora: [...]. O que significa o trabalho dentro do mundo capitalista?

Entrevistado 4: Dentro desse mundo capitalista, o trabalho em si é tudo, você tem que ter um trabalho, tem que se manter, tem que comprar as coisas, tem que gastar, tem que receber, tem que ser remunerado, entendeu? Ou seja, tem que trabalhar. Você tem que estar capacitado, tem que ter um emprego. Pra conseguir alguma coisa, não estou dizendo de quem já vem de berço ou a família tem dinheiro e não precisa estar trabalhando, mas a gente da classe média-baixa tem que trabalhar, tem que estudar, tem que tentar fazer alguma coisa. Eu não quero, se fosse pra mim escolher, eu não queria estar estudando até morrer e trabalhando não sei até quando, pra no final da vida, até oitenta anos e se brincar daqui uns dias até cem pra poder aposentar.

Entrevistadora: Você está acompanhando o que está acontecendo no presente em relação às perdas trabalhistas, muitos direitos estão sendo retirados e como a gente recebe isso enquanto trabalhador?

Entrevistado 4: A pessoa que está trabalhando, que é o contratado ali é o que sai perdendo e tem que trabalhar e é aquilo ali mesmo. Todo mundo fala assim de um país democrático, mas o direito de votar não é a democracia. Não é porque você vota que você tem direito de alguma coisa. O que eles falam lá entre eles lá, entre dez e vinte pessoas e bate o martelo, a partir de hoje o salário é mil reais pra todo mundo e a gente não tem direito de fazer nada. [...]. Não é o trabalhador que deveria pagar por isso, eu acho que seria eles mesmos lá do parlamento né, que teriam que pagar por isso. Pessoa receber trinta, quarenta mil reais por mês, quatro horas por dia de trabalho. Eu acho que quem sai perdendo em tudo isso é o trabalhador²⁶.

O Entrevistado 4 traz muitas questões importantes para serem analisadas. Ele fala da necessidade de se capacitar para o mercado e da presença dessa perspectiva dentro da escola; fala sobre a necessidade do trabalho, principalmente para a classe média-baixa, para a sobrevivência, fazendo distinções entre aqueles que têm privilégios e entre os que precisam trabalhar, revelando uma consciência de classe; aborda o presente e a retirada de direitos que

²⁵ Esse aluno tem 27 anos e trabalha como supervisor de estoque.

²⁶ Entrevista 4. (Jun. 2016). Entrevistadora: Ana Claudia Gomes. Uberlândia, 2016. 1 arquivo .mp3 (12:20 min).

os trabalhadores vêm sofrendo com o aumento da idade para se aposentar e o autoritarismo com que as leis são feitas e aprovadas entre certos grupos que estão no poder; por fim, ressalta que existe um abuso dos salários e privilégios para determinados grupos e que o trabalhador não deveria pagar essa conta.

Ele diz que é preciso se capacitar para o trabalho no mundo capitalista. Nesse sentido, o neoliberalismo tenta:

Tornar a escola um meio de transmissão dos seus princípios doutrinários. O que está em questão é a adequação da escola à ideologia dominante. Esta precisa sustentar-se também no plano das visões do mundo, por isso, a hegemonia passa pela construção da realidade simbólica. Em nossa sociedade a função de construir a realidade simbólica é, em grande parte, preenchida pelos meios de comunicação de massa, mas a escola tem um papel importante na difusão da ideologia oficial. O problema para os neoliberais é que nas universidades e nas escolas, durante as últimas décadas, o pensamento dominante tem convivido com o pensamento crítico nas diversas áreas do conhecimento e nas diversas práticas pedagógicas dialógicas, alternativas. Nesse quadro, fazer da universidade e da escola veículos de transmissão do credo neoliberal pressupõe um reforço do controle para enquadrar a escola a fim de que cumpra mais eficazmente, sua função de reprodutora da ideologia dominante²⁷.

Essas questões são grandes problemas presentes na Educação e as consequências disso são sujeitos formados não dentro de uma perspectiva crítica e emancipadora, mas conservadora diante da realidade. A escola também é um lugar onde se reproduzem muitos pensamentos dominantes em relação ao trabalho. Ideias de que é preciso se qualificar tecnicamente para conseguir “melhores oportunidades” e ganhar mais circulam e são reforçadas constantemente.

Ressalto que a escola não deve abordar o trabalho em um sentido de adaptação ao mercado. O currículo é um campo de tensões, diferentes projetos estão em disputa. Para que tenhamos no currículo as mudanças que defendemos, é necessário que isso venha acompanhado de políticas públicas. No que diz respeito a esse caráter estrutural do currículo, quais são as práticas essenciais que o currículo do Ensino Médio deveria seguir? Segundo Miguel Arroyo:

[...] tanto os mestres quanto os alunos têm direito a se saber, que as experiências sociais vividas como coletivos sejam interpretadas e que suas indagações – sobre sua condição docente e sua condição juvenil, suas histórias como membros de coletivos sociais, raciais, de gênero, de campo,

²⁷ MARRACH, Sonia A. **Neoliberalismo e Educação**. 2015, p. 01-04. Disponível em: <<http://portal.iadebrasil.com.br/pos/biblioteca/alfabetizacaooletramento/moduloI/pdf/3%20Neoliberalismo%20e%20Educa%C3%A7%C3%A3o.pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2017.

como trabalhadores, produtores de cultura etc. – sejam aprofundadas nos conhecimentos curriculares do Ensino Médio”²⁸.

Nas duas entrevistas a seguir os Entrevistados 5²⁹ e 6³⁰ também trazem uma perspectiva de adaptação ao mercado de trabalho:

Entrevistadora: Qual o sentido do trabalho dentro desse contexto capitalista?

Entrevistado 5: O sentido é que se você não trabalhar você não vive né. Você precisa do serviço pra te ajudar a viver no mundo de hoje, porque sem o serviço você acaba passando fome, essas coisas. [...]. Meus pais falam, você estuda pra melhorar o seu serviço, pra um dia você ser alguém na vida. Você estuda pra receber mais. Igual a professora de Geografia tava falando ontem que quanto mais você estuda mais você vai receber. Igual tem certas atividades que requer mais precisão no serviço, então uma pessoa pra ser farmacêutica ela precisa de escola pra receber mais e um cara que trabalha no Mc Donalds não precisa muito de formação³¹.

Entrevistadora: De que forma a escola tem contribuído pra que você enxergue criticamente o mundo que você vive?

Entrevistada 6: Ela mostra muita coisa [...]. Como que você vai ser, como você vai entrar em um mercado de trabalho maior, num emprego, então eles te abrem os olhos e te ensina também a conviver em um emprego. Assim, você vai entrar em uma empresa grande, eles te ensinam como você vai se comportar, como que vai ser, então é isso, te dá um alerta³².

Tendo em vista as falas dos entrevistados 5 e 6, concordo com o autor quando ele diz:

Não aceito que a educação seja um treinamento para um emprego, para se formar cidadãos úteis (ou seja, que se adaptem a este sistema). A educação é a confirmação dos significados comuns de uma sociedade e das habilidades necessárias para corrigi-los [...]. Acho que mais do que isso, é preciso repensar os conteúdos [...]. Temos que enfatizar não a escada, mas o caminho comum, pois a ignorância de qualquer ser humano me diminui, e a habilitação de todo ser humano é um ganho comum de horizontes³³.

A ideologia dominante se utiliza de vários mecanismos para atingir as pessoas e obter mão de obra para o mercado de trabalho, porém não é algo tão automático assim. Nos últimos anos, a partir de programas sociais, houve uma ampliação da escola, da universidade e do número de sujeitos que passaram a ter acesso à educação básica e superior. Assim, o debate foi ampliado por meio da presença desses novos sujeitos e de suas experiências nos espaços. Isso é um ganho inegável e extremamente importante para conseguirmos avançar no enfrentamos de problemas estruturais que atravessam a sociedade.

²⁸ ARROYO, Miguel G. Repensar o Ensino Médio: Por quê?. In: DAYRELL Juarez; CARRANO, Paulo; MAIA, Carla L. **Juventude e Ensino Médio**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. p. 55.

²⁹ Esse aluno tem 20 anos e trabalha como motorista.

³⁰ Essa aluna tem 21 anos e trabalha como acompanhante de uma idosa.

³¹ Entrevista 5. (Jun. 2016). Entrevistadora: Ana Claudia Gomes. Uberlândia, 2016. 1 arquivo .mp3 (09:13 min).

³² Entrevista 6. (Jun. 2016). Entrevistadora: Ana Claudia Gomes. Uberlândia, 2016. 1 arquivo .mp3 (08:24 min).

³³ WILLIAMS, Raymond. **A cultura é de todos**. 1958. p. 10.

Contudo, com base nas entrevistas pude perceber que os alunos criam uma consciência de classe a partir de suas experiências nos seus trabalhos, que são explorados, mas a escola não tem contribuído para que eles se compreendam dentro de um sistema que estrutura essas relações de trabalho. Em todas as seis entrevistas a palavra capitalismo veio acompanhada a um sentido de adaptação ao mercado, de necessidade de ganhar dinheiro e se qualificar. Não tenho dúvidas de que se o ensino fizesse essa relação entre os conceitos e as experiências que eles trazem, haveria uma maior consciência da totalidade sobre o mundo em que vivem. Eles trazem muitas críticas aos seus ambientes de trabalho e o ensino poderia sistematizá-los com o contexto, com a estrutura maior que os sustenta.

Em outro momento, perguntei sobre a importância da escola na vida dos alunos e trago para uma breve análise o que alguns disseram dessa relação com a escola e o que ela possibilita. Perguntei ao aluno como foi passar pela escola:

Entrevistado 1: [...] quando eu era mais novo, a gente não dava tanto crédito para a escola, o que era realmente o ensino, mas quando eu cheguei em meados da oitava série e que eu fui percebendo que a vida fica um pouquinho mais difícil sem estudo e comecei a estudar mais. [...]. Depois que eu voltei a estudar aqui no terceiro, eu descobri que podia ser capaz. [...] eu acho que quem faz a escola é o aluno, então eu chegava em casa e estudava e sempre tive apoio de três professores: a A de História, a B de Filosofia e a C que foi minha professora no começo do ano. Elas me incentivaram muito a fazer o vestibular. Esses professores dedicados te passam o incentivo pra você estudar. [...]. Eu acho que essa é a melhor experiência que eu tive [...]. Em relação ao professor, é difícil motivá-lo também, até pelo próprio governo, até pela própria escola, muitas vezes³⁴.

Questionei quais são as contribuições que a escola vem dando pra sua vida. Ela respondeu:

Entrevistada 2: Ela contribuiu muito, ela abriu muito a minha cabeça pra muitas coisas. Melhorou até a minha autoestima, porque eu era triste, parece que faltava alguma coisa. Eu me sentia, quando eu estava conversando com pessoas que tinham mais estudo do que eu, eu me sentia inferior a elas. Quando eu ouvia os assuntos delas, falando sobre várias coisas de escola, de estudo, eu me sentia bem pequena perto. Eu me diminuía, porque eu não tinha, eu sabia que aquele mundo não era o meu. Agora não, agora estou começando a ver, a escola tá me ajudando a ver que eu posso participar daquele mundo ali também. Uma hora eu sei que vou chegar lá também. A escola está me contribuindo pra isso³⁵.

Em relação à importância da escola, o entrevistado 7³⁶ disse o seguinte, “É não desistir da luta que sei que é complicado é, mas a gente nunca devemos desistir, aí a escola dá tipo

³⁴ Entrevista 1. (Jun. 2016). Entrevistadora: Ana Claudia Gomes. Uberlândia, 2016. 1 arquivo .mp3 (44:09 min).

³⁵ Entrevista 2. (Jun. 2016). Entrevistadora: Ana Claudia Gomes. Uberlândia, 2016. 1 arquivo .mp3 (19:22 min).

³⁶ Esse aluno tem 20 anos e trabalha como balconista.

aquela força a mais pra você não desistir de onde você queira chegar, que você possa perfeiçoar mais e continuar caminhando e lutando mesmo que for difícil”³⁷.

Compreendo que a escola tem uma importância significativa para que os alunos se enxerguem como capazes e os motivem a seguir estudando. A escola traz uma importante e fundamental perspectiva de socialização, moral e ética diante das relações e da vida. Entretanto, é necessário ir para além disso. O presente é muito claro em relação a isso, ao mesmo tempo em que nos mostra o quanto caminhamos e avançamos em relação a superação das desigualdades e ampliação ao acesso ao conhecimento, que é coletivo e direito de todos, por outro lado nos exige repensar o quanto falta à escola um projeto político-social transformador e mais claro diante da realidade. A escola não pode estar a serviço do mercado e da tecnicidade, ela precisa oferecer ao aluno condições para que ele se compreenda e saiba analisar seu presente, que é o momento do agir e da transformação.

Segundo Paulo Freire³⁸, “a primeira condição para que um ser possa assumir um ato comprometido está em ser capaz de agir e refletir. É preciso que seja capaz de, estando no mundo, saber-se nele”.

³⁷ Entrevista 7. (Jun. 2016). Entrevistadora: Ana Claudia Gomes. Uberlândia, 2016. 1 arquivo .mp3 (10:11 min).

³⁸ FREIRE, Paulo. O compromisso do profissional com a sociedade. In: _____. **Educação e Mudança**. 34. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011. p. 18-19.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considero que, por mais que tenhamos avançado em muitos aspectos em relação à educação, ainda existe uma conjuntura que torna difícil o trabalho do professor. Esses precisam de tempo para investir em pesquisa. Para fazer com que a pesquisa seja eixo do ensino em sala de aula é necessário investir em outra estrutura de trabalho. Ressaltando que diferentes projetos de sociedade e de currículo estão o tempo todo em disputa.

A escola que tive não é a mesma que se tem hoje, porém ainda existem elementos fortes dessa escola tradicional e que precisam ser transformados. De acordo com Corrochano:

Muitos problemas persistem, mas em relação às décadas anteriores podemos observar avanços inegáveis, como a recuperação da renda, o maior acesso da população aos bens de consumo e programas sociais. Todas essas mudanças sociais mais amplas podem provocar alterações nas expectativas em relação à escola média e os modos de combinação entre escola e trabalho, que podem se tornar mais ou menos visíveis na sala de aula³⁹.

Acredito que houve muitas e significativas mudanças na sociedade nos últimos doze anos dos governos progressistas e que trouxeram mudanças sociais fundamentais, proporcionando maior acesso das pessoas ao conhecimento e a uma formação crítica.

Com base nas entrevistas realizadas pude perceber que os alunos carregam aprendizados e vivências que são adquiridas na totalidade da vida, com o trabalho, as dificuldades, etc. A dialética entre a bagagem do aluno e a teoria, com o conhecimento produzido, acarreta uma grande tomada de consciência sobre o mundo em que se vive. O aluno que experimenta os processos vai se descobrindo nesse percurso. Muitos alunos trouxeram uma consciência crítica sobre seus trabalhos, a importância das conquistas dos trabalhadores e da luta. Os alunos não são recipientes vazios ou que desconhecem totalmente a realidade que vivem. Porém, a escola não oferece muitos elementos para uma maior tomada de consciência diante da realidade em que vivem.

Mesmo com todas as dificuldades, que são estruturais, a escola é um espaço fundamental, pois possibilita ter acesso ao direito de compreender nossa própria história, que não está desarticulada de um contexto mais amplo. Nesse processo o professor é imprescindível.

Nas entrevistas alguns alunos trazem que a educação é um instrumento de mobilidade social, porém, junto a isso trazem um pensamento crítico da sociedade em que vivem. Parece

³⁹ CORROCHANO, Maria C. Jovens no Ensino Médio: Qual o lugar do trabalho?. In: DAYRELL Juarez; CARRANO, Paulo; MAIA, Carla L. **Juventude e Ensino Médio**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. p. 206.

que há momentos de luta e acomodação, de resistência e adaptação. Ano passado essa foi uma das escolas ocupadas em Uberlândia.

Outro aspecto que chama a atenção nos relatos é o quanto a escola contribui para que o aluno tenha uma formação mais humana, participativa, democrática e solidária diante dos colegas e da vida. Além de estimulá-los a continuarem os estudos. Porém, é preciso ir para além disso, a escola precisa oferecer a construção de uma consciência histórica que possibilite o aluno a compreender o presente e a importância da luta. As tramas que envolvem todo o jogo social são complexas e cabe ao ensino dar maior clareza desse difícil e assombroso cenário.

Nesse sentido, para que o conhecimento histórico seja colocado em ação, a pesquisa é o principal recurso que ampara essa proposta. Infelizmente, a escola ainda está longe de ter essa prática como eixo organizador do ensino. Como alguns alunos relataram, os professores trazem alguns exemplos do presente para ilustrar mudanças em relação ao passado, mas não há uma prática que coloque o próprio aluno, que é o sujeito da experiência, como produtor do conhecimento histórico.

O ideal seria que o professor estivesse em constante envolvimento com a pesquisa de documentos ou fontes que são suportes necessários à pesquisa em História, além de ter tempo para realizar e acompanhar as pesquisas. Porém, a atual conjuntura torna quase improvável esta ação. De fato, é necessário um projeto de educação que repense o ensino e os horizontes, onde se quer chegar.

Enquanto luta-se por mudanças mais estruturais na educação a sala de aula continua como um potencial lugar de construção do conhecimento. Cabe à educação oferecer o conhecimento que é produzido socialmente e que pertence a todos, ampliando as possibilidades de ser, de se manifestar, de conhecer a si e ao mundo em que se vive.

Como aponta Peixoto⁴⁰, “estou convencida de que discutir currículo hoje passa pelo enfrentamento de questões que estiveram na ordem do dia em 1986”. Isso implica em reconhecer que a pesquisa, a experiência e o presente são pontos de partida para que o saber histórico aconteça e faça maior sentido para o enfrentamento do presente e seus constantes desafios.

⁴⁰ PEIXOTO, Maria R. C. Ensino como pesquisa: um novo olhar sobre a história no ensino fundamental como e por que aprender/ensinar história. **História e Perspectivas**. Uberlândia, v. 53, n. 28, p. 68, jan/jun. 2015.

FONTES

Entrevista 1. (Jun. 2016). Entrevistadora: Ana Claudia Gomes. Uberlândia, 2016. 1 arquivo .mp3 (44:09 min). O aluno tem 24 anos e trabalha como supervisor de loja.

Entrevista 2. (Jun. 2016). Entrevistadora: Ana Claudia Gomes. Uberlândia, 2016. 1 arquivo .mp3 (19:22 min). A aluna tem 45 anos e trabalha como doméstica.

Entrevista 3. (Jun. 2016). Entrevistadora: Ana Claudia Gomes. Uberlândia, 2016. 1 arquivo .mp3 (08:38 min). A aluna tem 23 anos e trabalha como atendente de Call Center.

Entrevista 4. (Jun. 2016). Entrevistadora: Ana Claudia Gomes. Uberlândia, 2016. 1 arquivo .mp3 (12:20 min). O aluno tem 27 anos e trabalha como supervisor de estoque.

Entrevista 5. (Jun. 2016). Entrevistadora: Ana Claudia Gomes. Uberlândia, 2016. 1 arquivo .mp3 (09:13 min). O aluno tem 20 anos e trabalha como motorista.

Entrevista 6. (Jun. 2016). Entrevistadora: Ana Claudia Gomes. Uberlândia, 2016. 1 arquivo .mp3 (08:24 min). A aluna tem 21 anos e trabalha como acompanhante de uma idosa.

Entrevista 7. (Jun. 2016). Entrevistadora: Ana Claudia Gomes. Uberlândia, 2016. 1 arquivo .mp3 (10:11 min). O aluno tem 20 anos e trabalha como balconista.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARROYO, Miguel G. Repensar o Ensino Médio: Por quê?. In: DAYRELL Juarez; CARRANO, Paulo; MAIA, Carla L. **Juventude e Ensino Médio**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. p. 53-73.
- CORROCHANO, Maria C. Jovens no Ensino Médio: Qual o lugar do trabalho?. In: DAYRELL Juarez; CARRANO, Paulo; MAIA, Carla L. **Juventude e Ensino Médio**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. p. 205-228.
- FENELON, Déa R. A Formação do Profissional de História e a Realidade do Ensino. **Tempos Históricos**: Revista do Programa de Mestrado em História da UNIOESTE, Cascavel, v. 12, ano 10, n. 1, p. 23-35, 1º semestre 2008.
- FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. 34. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011. 111p.
- GADOTTI, Moacir. PREFÁCIO: Educação e ordem classista. In: FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. 34. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011. p. 8-15.
- MARRACH, Sonia A. **Neoliberalismo e Educação**. 2015, p. 01-04. Disponível em: <<http://portal.iadebrasil.com.br/pos/biblioteca/alfabetizacao/letramento/moduloI/pdf/3%20Neoliberalismo%20e%20Educa%C3%A7%C3%A3o.pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2017.
- PEIXOTO, Maria R. C. Ensino como pesquisa: um novo olhar sobre a história no ensino fundamental como e por que aprender/ensinar história. **História e Perspectivas**. Uberlândia, v. 53, n. 28, p. 37-70, jan/jun. 2015.
- PETERSEN, Sílvia. Repensar a história do trabalho. **Espaço Plural**. Unioeste, Cascavel, v. 17, n. 34, p. 13-36, 1º semestre 2016. Disponível em: <[file:///D:/Usuario/Downloads/14945-54584-1-PB%20\(2\).pdf](file:///D:/Usuario/Downloads/14945-54584-1-PB%20(2).pdf)>. Acesso em: 18 ago. 2016.
- THOMPSON, Edward. Educação e experiência. In: _____. **Os românticos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. p. 11-47.
- WELLER, Wivian. Jovens no Ensino Médio: Projetos de vida e perspectivas de futuro. In: DAYRELL Juarez; CARRANO, Paulo; MAIA, Carla L. **Juventude e Ensino Médio**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. p. 135-154.
- WILLIAMS, Raymond. **A cultura é de todos**. 1958. p. 01-12.